

**PERFIL ETNOBOTÂNICO E IMPACTOS AMBIENTAIS ANTRÓPICOS NA
COMUNIDADE RURAL SALINA, EM CAMPO MAIOR – PI.**

*ETHNOBOTANICAL PARTICULARS AND ENVIRONMENTAL ANTHOPIC IMPACTS
IN RURAL COMMUNITY SALINA, IN CAMPO MAIOR – PI.*

Submetido em: 02/09/2013.

Aprovado em: 17/03/2014.

CARVALHO¹, Diogo Augusto Frota; SÉRVIO JR², Emanuel Marques.

¹ Biólogo. Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela UESPI. Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFPI. Professor na SEMEC – THE. E-mail: diogofrota@yahoo.com

² Biólogo. Especialista em Botânica pela UFCE. Mestrado em Botânica pela UFPE. Professor na UESPI e técnico na SEMAR. E-mail: emsjpi@ig.com.br

Resumo: A etnobotânica, ao estudar a interação homem e flora, revela aspectos para além das relações biológicas tradicionais e rígidas. Expõe também uma complexidade de relações que se interligam em vários níveis físico-químicos, interdependência e afetividade entre o homem e meio ambiente. O presente estudo enobiológico ocorreu na comunidade rural Salina, na zona rural de Campo Maior, Piauí. A metodologia combinou aspectos qualitativos e quantitativos na execução das seguintes etapas: levantamento socioeconômico da comunidade, ecologia da área pesquisada, aplicação de questionários semiestruturados, classificação taxonômica da flora terapêutica e avaliação dos impactos antrópicos no ecossistema. As atividades econômicas desenvolvidas foram agricultura (mandioca, milho e feijão) e criação de porco e galinha. Os moradores demonstraram uma boa compreensão do funcionamento dos ecossistemas onde estão inseridos (85% dos entrevistados), embora existam impactos antrópicos que afetam a atividade econômica-extrativista e resultam em uma diminuição na qualidade de vida. Isso faz com que a maioria dos moradores complemente sua renda através de programas sociais do governo. Os principais impactos relatados foram o desmatamento (75%), queimadas (15%) e caça indiscriminada (10%). Foram citadas 12 plantas medicinais utilizadas para fazer “garrafadas” (remédios fitoterápicos) contra gripe e inflamações: Marmeleiro, Imburana, Pau D’arco, Açoita-cavalo, Sucupira, Boldo baiano, Jenipapo, Caroba, Alecrim, Cajuí-do-cerrado, Velame-branco e Carnaúba. Faz-se necessário o estudo etnobotânico da comunidade como forma de se registrar os costumes e a tradição, conhecer melhor a relação homem e natureza para além da

rigidez científica, preservando assim o meio ambiente rumo a um desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Etnobotânica. Impactos. Fitoterapia.

Abstract: Ethnobotany, to study the interaction between man and flora reveals aspects beyond traditional and rigid biological relationships. Also exposes a complexity of relationships that are interconnected in various physico-chemical levels, interdependence and affection between man and environment. This ethnobotanical study occurred in the community Salina, in the rural area of Campo Maior, Piauí. The methodology combined qualitative and quantitative aspects of the implementation of the following steps: a socioeconomic survey of the community, ecological aspects of the area surveyed, application of semi-structured questionnaires, taxonomic classification of flora and therapeutic evaluation of human impacts on the ecosystem. The developed economic activities were agriculture (cassava, maize and beans) and creation of pork and chicken. Residents demonstrated a good understanding of the functioning of the ecosystems where they live (85% of respondents), although there are human impacts that affect the economic-mining activity and result in a decrease in quality of life. This makes most residents supplement their income from government social programs. The main impacts reported were deforestation (75%), burning (15%) and over-hunting (10%). 12 medicinal plants used were cited for making "potions" (herbal remedies) against influenza and inflammation: Marmeleiro, Imburana, Pau D'arco, Açoita-cavalo, Sucupira, Boldo baiano, Jenipapo, Caroba, Alecrim, Cajuí-do-cerrado, Velame-branco e Carnaúba. It is necessary ethnobotanical study of the community as a way of registering the customs and tradition, best known to man and nature relationship beyond the scientific rigidity, thus preserving the environment towards sustainable development.

Keywords: Ethnobotany. Impacts. Phytotherapy.

INTRODUÇÃO

A Etnobotânica é a ciência que estuda as interações dinâmicas entre as plantas e o homem; consistindo também na compreensão dos usos e aplicações tradicionais dos vegetais pelas pessoas. Ligada à botânica e à antropologia, é uma ciência interdisciplinar que também engloba conhecimentos farmacológicos, médicos, tecnológicos, ecológicos e linguísticos (Amorozo, 2002).

O conhecimento popular sobre o uso das espécies vegetais nativas pode contribuir para a conservação dos ecossistemas no que diz respeito à adoção de práticas de manejo, além de contribuir para o resgate e a preservação da cultura. O conhecimento etnobotânico vai ao encontro da assertiva anterior porque reflete as interações entre as pessoas e os recursos vegetais disponíveis no ambiente, sejam em função da abundância e/ou aparência (Albuquerque & Lucena, 2008).

Em conformidade com a riqueza na biodiversidade brasileira, Farias (2003) ressalta que a flora piauiense apresenta uma diversidade significativa, devido a ocupação marginal dos cerrados em relação ao cerrado central, e apresenta uma das maiores concentrações desse bioma e de áreas de transição da caatinga, do carrasco e do próprio cerrado da região Nordeste.

O perfil etnobotânico da comunidade, além de contribuir para o estado da arte das espécies vegetais, deve ter como foco também a contribuição do conhecimento fornecido pelos próprios autóctones (como uma comunidade tradicional) no foco fitoterápico. Desta forma, tal ciência não serve apenas como ferramenta para resgatar o conhecimento tradicional, mas também é importante no resgate dos próprios valores das culturas das quais entra em contato.

O atual modelo de produção capitalista acabou gerando uma série de desequilíbrios em diversos aspectos. A cada dia que passa, o ritmo de produção aumenta, gerando

riqueza e novas tecnologias; porém a desigualdade social, a degradação e a poluição tornam-se cada vez mais presentes. Em um país capitalista neoliberal marcado por profundas diferenças sociais como o Brasil, a educação e o desenvolvimento estão subordinados ao sistema econômico neoliberal e aos seus interesses.

Um problema grave é o das comunidades rurais, onde a falta de informação acerca do desenvolvimento sustentável e a voracidade da expansão econômica neoliberal provoca impactos ambientais negativos no bioma. Poluição e assoreamento em estado elevado de riachos e rios perenes; desmatamentos criminosos e queimadas constantes de grandes áreas de florestas (destruindo árvores frutíferas nativas) para implantação de grandes projetos agroindustriais; pressão de fazendeiros resultando em conflitos fundiários e a redução significativa de espécimes de fauna e flora são alguns dos principais problemas enfrentados por tais comunidades.

Diante desse contexto investigou-se a seguinte problemática: Qual o conhecimento que os moradores da Comunidade Rural Salina têm sobre a vegetação local e que relação existe entre a flora e as atividades fitoterápicas? Quais os impactos antrópicos verificados no bioma local? Como esses impactos interferem na qualidade de vida dos moradores?

MATERIAL E MÉTODOS

Caracterizações da área de estudo

Campo Maior é um município localizado no estado do Piauí, na porção norte, distante 84 km de Teresina, capital do estado. Dispõe de uma extensão de 1664,4 Km², sendo definido como município de médio porte, com uma população de 45.177 habitantes. Está localizado nas seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul 04°49'18" e Longitude Oeste 42°10'30". Predomina na região complexos vegetacionais de Cerrado e Caatinga e apresenta (classificação de Koppen) clima quente e úmido, tropical chuvoso, com precipitação média anual de 1.300 mm, concentrada em poucos meses, entre dezembro e junho. Normalmente apresenta mais de 6 meses secos por ano (IBGE, 2010).

A Comunidade rural Salina (4°55'7.07"S e 42° 9'18.74"O), é relativamente afastada do centro de Campo Maior, localizando-se a 18km da mesma e a 9km da cidade de Coivaras (Figuras 1 e 2). Dispõe de fácil acesso aos dois centros dos municípios e recebe influência socioeconômica de ambas. A comunidade dispõe de energia elétrica desde o ano de 2007, sendo que a rede de telefonia celular atinge parcialmente a comunidade.

Os moradores estão organizados na Associação de Desenvolvimento Comunitário da Comunidade Salina – ADCOCS, fundada em 2 de junho de 1997, com CNPJ 02.337.910/0001-90. Dentre os entrevistados, 73% são membros da Associação. O

atual presidente é Sr. Evaristo de Alcântara da Silva. O mesmo informou que os encontros acontecem na sede da Associação, que se localiza no centro da comunidade, geralmente uma vez por mês. O objetivo de tais encontros é planejar as atividades socioculturais e informar aos moradores acontecimentos não casuais sobre como: realização dos Festejos de São José, comemoração do dia dos pais e dia das mães, visita de uma autoridade, dentre outros.



Figuras 1 e 2 - Localização do município de Campo Maior e das comunidades estudadas no entorno da Serra de Campo Maior/ Piauí, Brasil. Fonte: Google Earth. Estrada que dá acesso à comunidade. Fonte: Os autores.

Quanto ao bioma, verifica-se que a comunidade está localizada numa área de predominância de Cerrado, embora haja pressões de alguns espécimes típicos da Caatinga. Tal pressão é um indicativo de modificações antrópicas. Na área observam-se pequenas árvores de troncos torcidos e recurvados e de folhas grossas, esparsas em meio a uma vegetação rala e rasteira, misturando-se, às vezes, com campos limpos ou matas de árvores não muito altas (Figura 3).

Os dados socioeconômicos foram obtidos através de questionários estruturados e atualizados dos modelos de Rocha Coelho (2009) e Pessoa (2010). As plantas mencionadas nas entrevistas foram coletadas na presença de um morador-guia da comunidade, e incluídas no herbário Afrânio Mendes, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Para a sistematização científica-taxonômica das plantas obtidas foi utilizado o sistema de Mabberley (1997) e Amorozo (2002). Para a preparação das plantas no herbário utilizou-se, com algumas adaptações, o modelo padrão de Ghedini *et al.* (2002).

Os resultados obtidos foram sistematizados em forma de gráfico de pizza, elaborados pelo software *Microsoft Excel 2010*.



Figura 3 – Bioma Cerrado, onde se localiza a comunidade Salina. Fonte: os autores.

Entre as espécies vegetais que caracterizam a área estão o Marmeleiro (*Croton sonderianus* Muell), Imburana (*Commiphora leptophloeos* Mart), Pau D´arco (*Tabebuia impetiginosus* Mart. ex. DC Mattos), Açoita-cavalo (*Luehea divaricata* Mart), Sucupira

(*Pterodon emarginatus* Vogel), Boldo baiano (*Vernonia condensata* Bake), Jenipapo (*Genipa americana* L.), Caroba (*Jacaranda caroba* Vell), Jetirana (*Ipomoea hederifolia* L.), dentre outras (Figura 4).

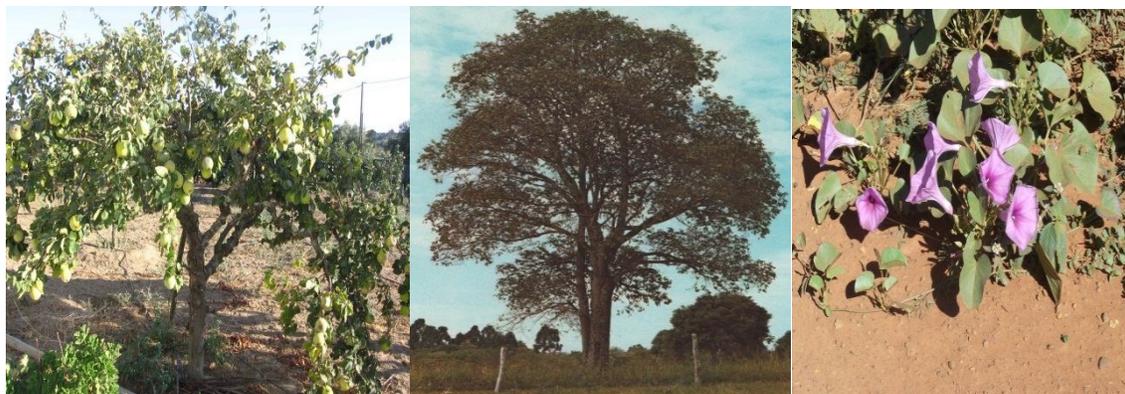


Figura 4 – Marmeleiro, Açoita-cavalo e Jetirana. Fonte: Os autores.

Métodos e técnicas de abordagem

As técnicas de observação em campo da realidade geográfica e da dinâmica ambiental privilegiamos dados quantitativos. Para contornar essa dificuldade estritamente técnica, utilizaram-se nesta pesquisa dois métodos: 1) a análise indutiva de dados estatísticos para a interpretação das informações quantitativas e; 2) o discurso do Sujeito Coletivo nas entrevistas realizadas com moradores da comunidade como metodologia auxiliar na obtenção de dados qualitativos, sendo possível analisar e extrair informações valiosas sobre o ambiente a partir da percepção da comunidade sobre o local onde vivem.

A execução da pesquisa em campo

A execução da pesquisa atendeu aos objetivos propostos e, portanto, o trabalho de campo foi precedido de um levantamento a nível teórico sobre o problema estudado fundamentando-se na problemática abordada. As etapas que direcionaram a coleta de dados envolveram os seguintes procedimentos metodológicos:

1) Levantamento bibliográfico em livros, teses, dissertações e artigos relacionados à etnobotânica e impactos antrópicos no meio ambiente, especialmente na áreas rurais do Piauí. Essa etapa ocorreu entre janeiro de 2012 e abril de 2013;

2) A seleção de técnicas mais adequadas aos objetivos propostos, sendo: mapeamento da área de estudo, registro fotográfico, zoneamento das áreas degradadas por ação antrópica, etc. Essa etapa ocorreu em abril de 2013; e

3) A execução da pesquisa de campo, que consistiu na aplicação de 20 questionários em 20 residências, acompanhamento das atividades extrativistas e observação participativa. Ocorreu no mês de maio (dias 11 e 18) e junho (dias 08 e 15) de 2013.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dados socioeconômicos da comunidade

Salina é formada por 24 famílias, contendo um total de 77 pessoas, dividida em 54 maiores de idade: 25 homens – sendo que dois destes apresentam necessidades especiais – e 23 mulheres (uma, dentre estas, também é portadora de necessidades

especiais). A faixa etária compreende: jovens de 18 a 24 anos (quatro mulheres e quatro homens –19,2%); adultos de 25 a 59 anos (cinco homens e oito mulheres – 50%) e idosos a partir de 60 anos (quatro homens e quatro mulheres – 30,7%). O Gênero feminino predomina em relação ao masculino (61,5 % e 38,8 %, respectivamente). A maior e a menor idade, entre os entrevistados foi 78 e 22 anos, respectivamente (Gráfico 1).

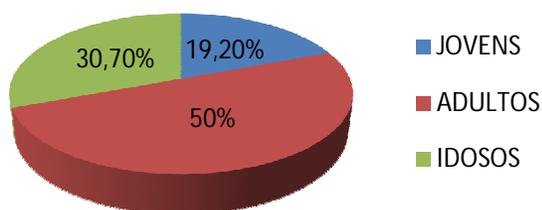


Gráfico 1 – Distribuição por faixa etária da comunidade Salina

O tempo de moradia na comunidade resultou em uma média de 31anos, com o mínimo de permanência de quatro anos e o máximo de 63 anos. A educação formal acontece na Escola Municipal José Gomes de Oliveira, que atende em sistema multiseriado crianças dos diversos níveis escolares, desde a educação infantil até o ensino fundamental menor. Os estudantes do Fundamental Maior e Ensino Médio deslocam-se no transporte escolar público para estudar nas escolas urbanas de Campo Maior, que disponibilizam séries de ensino ausentes. Durante o período chuvoso (verão), é comum esses alunos ficarem prejudicados por conta do difícil deslocamento na estrada próximo a Serra de Santo Antônio, na qual se localiza a comunidade.

Os entrevistados sem escolaridade corresponderam a 11,5% (três homens acima de 60 anos), 73% com Ensino Fundamental Incompleto (cinco homens e 14 mulheres), 3,8% Ensino Fundamental Completo (um homem), Ensino Médio Incompleto (uma mulher), Ensino Médio Completo (uma mulher) e Ensino Superior Incompleto (um homem). A baixa escolaridade associado analfabetismo funcional ocasiona dificuldades na interpretação dos documentos vinculados à associação dos moradores e de demais correspondências enviadas pelos correios. Não se observou, na comunidade ou regiões próximas, turmas de Educação de Jovens e Adultos, caracterizando a omissão do poder público no que concerne ao acesso à educação básica.

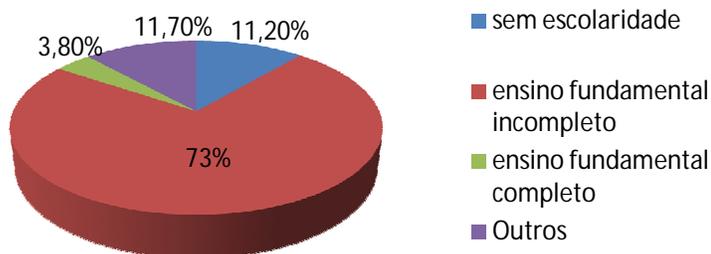


Gráfico 2 – Distribuição por escolaridade dos habitantes da comunidade

Dos moradores entrevistados, 92,3% possuem habitação própria, sendo que 57,6% são construídas com tijolo; 34,6% com adobe e 7,6% são de taipa. As casas com cobertura de telha correspondem a 80,7% e 19,3% são cobertas de palha de carnaúba (*Copernicia prunifera*). Na comunidade, 76,9% das casas possuem piso de cimento, enquanto 23% são constituídas de piso bruto (Gráfico 3). Os pisos brutos e coberturas de palha estão relacionados ao acúmulo de poeira e ácaros, ocasionando reclamações substanciais dos moradores no que concerne às alergias do sistema respiratório.

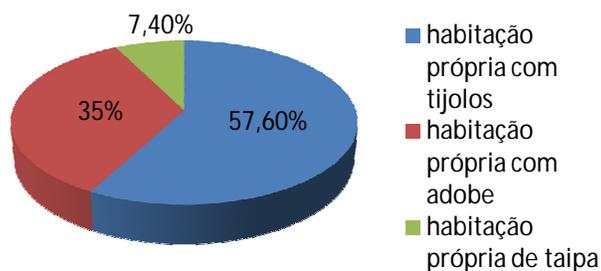


Gráfico 3: Característica das habitações dos moradores de Salina.

Com relação aos recursos hídricos, a maior parte da água utilizada nas atividades diárias é despejada a céu aberto, sem nenhum tipo de tratamento. O abastecimento de água em 53,8% dos domicílios ocorre através de encanamento oriundo de quatro poços tubulares, enquanto para 42,3% o abastecimento acontece em poços do tipo cacimbões e para 3,8% é oriunda de olho d'água (Gráfico 4). No período de seca (Junho à Novembro), é comum a falta d'água e o abastecimento ocorre através de caminhões-pipa. Não há um planejamento efetivo por parte do Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto – SAAE de Campo Maior para a perfuração de mais poços no local, obras de saneamento básico e monitoramento da qualidade da água distribuída aos moradores. O alto índice de diarreia nas crianças e nos idosos (75%), pode estar relacionado à presença de Coliformes e *E.colina* água consumida, oriunda da falta de saneamento básico.

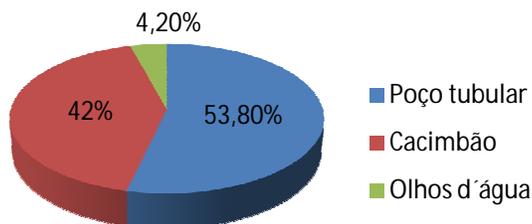


Gráfico 4: Fontes de abastecimento d'água da comunidade

O lixo é queimado por 96% da população e os 4% restantes são abandonados nas proximidades da casa, atraindo vetores de doenças (Figura 5). Os moradores relatam que não há um serviço público de coleta de lixo. Quanto as excretas humanas, 65% da população despejam a céu aberto, 19% depositam em fossa negra e 15% em fossa séptica. Dos informantes, 53,8% elucidaram que usufruem do processo de filtragem para purificação da água e 46,1% afirmaram não usar procedimento algum para o processo de purificação de água. A falta de saneamento básico é um dos problemas crônicos da comunidade e o despejo de excretas diretamente no solo pode contaminar as fontes hídricas, resultante no alto índice diarreico constatado (75 %).



Figura 5: Porcos utilizados na alimentação. Esses animais são criados soltos e, ao ingerirem fezes humanas, tornam-se vetores de *Taeniasolium*. Fonte: os autores.

Entre os entrevistados foram constatados diversos profissionais, dentre estes 84,6% são lavradores; 11,6% são comerciantes e 3,8% artesãos, agentes de saúde, caseiros e domésticas (Gráfico 5). A principal atividade econômica é a agricultura familiar, desenvolvida em cercados e/ou roças. Os produtos cultivados em maior quantidade são: milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), abóbora (*Cucurbita pepo* L.), arroz (*Oryza sativa* L.) e mandioca (*Manihot* sp).

A grande maioria dos moradores (65,3%) complementa o sustento familiar com benefícios do Governo Federal, rendas provenientes de aposentadorias e bolsa família. Observa-se que 42,3% dos entrevistados são ou têm um membro na família aposentado e 23% recebem bolsa família. Essa dependência do poder público, especificamente nos critérios relacionados ao bolsa-família, atestam que a

sustentabilidade da comunidade está em desacordo com a questão econômica, resultando numa comunidade pobre em termos financeiros.

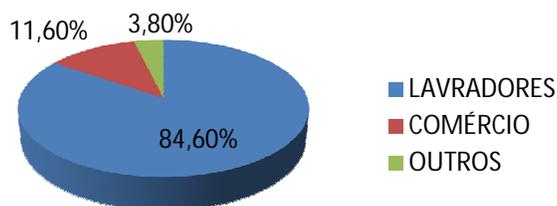


Gráfico 5: Atividades econômicas dos habitantes entrevistados.

No preparo da roça e/ou cercado é comum realizar-se a queimada controlada, para limpeza do local. Geralmente toda a família participa do processo de plantio e colheita. A produção destina-se ao consumo e o excedente é doado ou trocado por outros alimentos com parentes, amigos e vizinhos, evidenciando o traço de escambo característico de comunidades tradicionais.

A criação de animais baseia-se principalmente em caprinos, suínos e ovinos. Na maioria das famílias essa criação se dá em nível de subsistência. Na alimentação dos bovinos os criadores citaram em maior quantidade duas plantas: milho (*Zea mays* L.) e mandioca (*Manihot* sp). As plantas nativas citadas para a alimentação animal foram bamburral (*Hyptis suaveolens* L. Poit.), coronha (*Vachellia farnesiana* L. Wight & Ar), crioli (*M. surinamensis*), espinho-de-roseta (*Sideroxylon obtusifolium* Humb), faveira (*Parkia platycephala* Benth.), fedegoso (*Senna occidentalis* L. Link), ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), ipê-amarelo (*T. serratifolia*), mama-cachorra (*Vitex flavens*) e mororó-de-bode (*Bauhinia pulchella* Benth).

O baixo índice de escolaridade dos moradores, o relativo isolamento geográfico da comunidade e a omissão do poder público estagnou a economia local, resultando em dificuldades financeiras e dependência significativa dos programas sociais públicos. Observa-se na área um grande potencial para o turismo sustentável através das trilhas na Serra, que contém belas paisagens cênicas e cachoeiras de águas límpidas (Figura 6).



Figura 6: Beleza cênica da Serra, próximo à comunidade Salina. Fonte: Juscelino Reis (2012)

Flora Local e Potencial Fitoterápico

Foram citadas 12 plantas medicinais utilizadas para fazer garrafadas (remédios) contra gripe e inflamações: Marmeleiro (*Croton sonderianus* Mill), Imburana (*Commiphora leptophloeos* Mart), Pau D'arco (*Tabebuia impetiginosus* Mart. ex. DC Mattos), Açoita-cavalo (*Luehea divaricata* Mart), Sucupira (*Pterodon emarginatus* Vogel), Boldo baiano (*Vernonia condensata* Bake) (Figura 5), Jenipapo (*Genipa americana* L.), Caroba (*Jacaranda caroba* Vell), Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), Cajuí-do-cerrado

(*Anacardium humile* St. Hil.), a raiz do Velame-branco (*Macrosiphonia velame* A. St.-Hil.) e raiz da Carnaúba (*Copernicia prunifera* Miller H. E Moore) (Figura 7 e 8 e tabela 1).



Figura 7 – Imburana, Pau d’arco, Sucupira e Boldo. Fonte: os autores.





Figura 8 – Jenipapo, Caroba, Alecrim e Velame-branco. Fonte: os autores.

Relatam os moradores entrevistados que, depois de coletarem as plantas medicinais, vendem as mesmas *in natura* para uma farmacêutica em Teresina que as utilizam para fazer “garrafadas” (remédios fitoterápicos). Dentre as garrafadas que são fabricadas, a “*Angélica africana*” é um elixir indicado para problemas hepáticos, rins e estômago. O “*Bromax*” é recomendado para distúrbio do aparelho respiratório (asma, bronquite, pneumonia, excesso de muco). O “*Tiro seguro*” é um anti-helmíntico e a “*Saúde feminina*” é utilizada para problemas como cólicas menstruais, inflamações no útero, miomas, cistos e problemas hormonais da menopausa (Figura 9).

Tabela 1 - Lista das espécies utilizadas na Comunidade Salina, Campo Maior, PI. Convenções: NV = nome vulgar; il. = identificada no local; Cat.U = Categorias de uso: a = medicinal; b = alimentação humana; c = construção; d = produção energética; e = manufatureira; f = melífera; g = místico-religiosa; h = ornamental; i = alimentação animal; j = veterinária. Fonte: Elaboração própria.

Espécie	NV	Cat U
<i>Croton sonderianus</i> Mill	Marmeleiro	a, j
<i>Commiphora leptophloeos</i> Mart	Imburana	a, j, g
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H. E. Moore	Carnaúba	a, c, e, h
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl.) G. Nicholson	Ipê-amarelo	a, e, g, h
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	a, b
<i>Manihot</i> sp	Mandioca	a, i

<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	a, g
<i>Neptunia plena</i> Lindl.	Caroba	a, c, e
<i>Piptadenia macrocarpa</i> Benth.	Angico-preto	a, g
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão	a, i
<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	Unha-de-gato	a, c, j
<i>Zea mays</i> L.	Milho	b, i
<i>Cardiospermum anomalum</i> Cambess	Cedro-branco	a, c, h
<i>Vellozia tubiflora</i> (A.Rich.) Kunth	Canela-de-ema	a, g, h

Os problemas de saúde mais frequentes surgidos no dia-dia da comunidade são, além das diarreias já relatadas, inflamações uterinas nas mulheres, onde o tratamento é feito com o uso de tinturas preparadas com a casca da ameixa (*Ximenia americana*), da aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) do ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) e com a tintura da planta de quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.). Em seguida, são as gripes, que recebem tratamento com as tinturas preparadas com batata-de-tiú (*Wilbrandia verticillata* Cong.), cajú (*Anacardium microcarpum* Ducke.), imburana (*A. cearensis*) e pustemeira (*Chomelia obtusa* Cham & Schlttd.).

A falta de um posto de saúde próximo ao local dificulta a vida dos moradores, principalmente crianças e idosos, que precisam se deslocar ao Hospital Regional de Campo Maior para realizar consultas e exames. Segundo o presidente da associação, o posto de saúde próximo a comunidade é a maior promessa dos políticos da região que

visitam a comunidade em tempos de eleições, mas nada de concreto surgiu até a presente data (2013).



Figura 9 – Garrafadas produzidas a partir da flora local. Fonte: Os autores

Os entrevistados, ao falarem sobre o conhecimento adquirido com relação ao uso dos vegetais, confirmaram (52,%) que herdaram das pessoas idosas que convivem dentro da comunidade; 42,3% que aprenderam com os pais e 6% com os avós (Gráfico 6). Cerca de 90% afirmaram que têm uma relação de interdependência com o meio, pois retira da natureza tudo o que precisa para a sua sobrevivência, alimento, medicamento, moradia e, além disso, encontra paz e tranquilidade na área onde reside. Buscam manter a área conservada, usando os bens naturais de forma responsável e retirando somente o necessário.

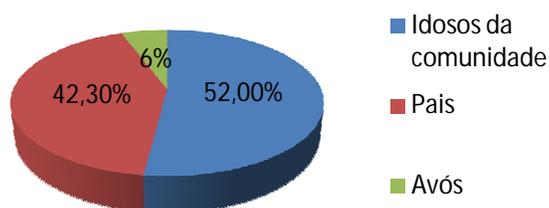


Gráfico 6: aprendizagem dos conhecimentos fitoterápicos.

Entretanto, percebeu-se que a comunidade tem reduzido seus conhecimentos e atividades culturais tradicionais, como o reizado; a frequência de moradores que realizam farinhada e o trajeto dentro da comunidade quase não acontece mais via equestre. Percebe-se que a população que reside nestas áreas tem adquirido novos hábitos e conhecimentos, tais como a adoção de novos hábitos alimentares; a opção de deslocamento, mesmo na área rural, acontece com auxílio de motocicletas, gerando poluição sonora e atmosférica cada mais intensa.

Impactos Ambientais nos ecossistemas

Os principais impactos ambientais negativos são: desmatamento (75 %), seguido de queimadas descontroladas (15%) e caça indiscriminada a animais silvestres (10%) (Gráfico 8 e Figura 10). Observou-se também assoreamento e pichação em monumentos naturais nas áreas próximas da comunidade.

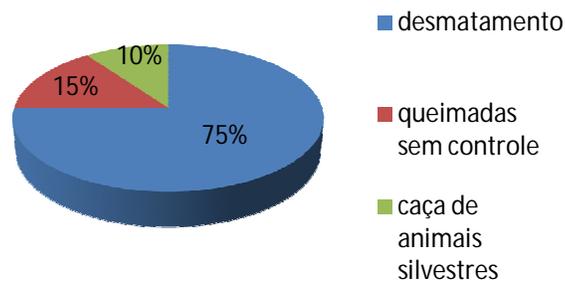


Gráfico 7: Principais impactos no ecossistema apontado pelos moradores da comunidade

A fragmentação vegetal é o problema ambiental de maior impacto negativo no ecossistema, sendo que os moradores relatam que as árvores nativas estão sendo derrubadas para que a área possa ser utilizada ou pela agricultura ou pela pecuária. Não há registros, por parte do poder público, de nenhum projeto ou iniciativa de se criar na região uma unidade de conservação, só promessas vazias em período de eleições.



Figura 10: Desmatamento, assoreamento e pichação no bioma.

Destaca-se que é de fundamental importância a realização de projetos e intervenções no ecossistema da comunidade que priorizem o Desenvolvimento Sustentável com ênfase na ecoeficiência, baseados na harmonia dos conhecimentos autóctones e alóctones. Isso contribuiria de fato para a manutenção dos costumes dos moradores com seu ambiente natural, bem como com a manutenção das comunidades tradicionais cada vez mais espoliadas pelo avanço do capital neoliberal.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, U. P., Lucena, R. F. P., Alencar, N. L. 2008. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos**. Pp. 41-72. In: Albuquerque, U. P., Lucena, R. F. P., Cunha, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2 ed. Recife: COMUNIGRAF.

Alexiades. M.N. 1996. **Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques**. The New York Botanic Garden.

Amorozo, M. C. M. 2002. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV, Rio Claro: UNESP.

Amorozo, M. C. M.; Mingg, L. C.; Silva, S. M. P. (Ed.). 2002. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. UNESP/CNPq, Rio Claro, Brasil.

_____. 2007. **Construindo a sustentabilidade: biodiversidade em paisagens agrícolas e a contribuição da Etnobiologia**. In: Albuquerque, U. P.; Alves, A. G. C.; Araújo, T. A. S. (Orgs). **Povos e paisagens: Etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. – Recife: NUPPEEA/UFRPE.

Cronquist. A. 1988. **The evolution and classification of flowering plants**. The New York Botanic Garden.

Farias, R. R. S. 2003. **Florística e fitossociologia em trechos de vegetação do Complexo de Campo Maior, Campo Maior, Piauí.** 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Franco, E.A.P.; Barros, R.F.M.; Araújo, J.L.L. 2007. **Uso e diversidade de plantas do cerrado utilizadas pelos quilombolas de Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí,** p. 247-270, 2007. In: Lopes, W.G.R.; Araújo, J.L.L.; Moita Neto, J.M.; Barros, R.F.M. (Orgs.). **Cerrado piauiense: uma visão multidisciplinar.** Teresina: EDUFPI, (Série Desenvolvimento e Meio Ambiente).

Fernandes, A. 2003. **Conexões florísticas do Brasil.** – Fortaleza: Banco do Nordeste.

Ghedini, P.C. Corigoni, P. A.; Almeida, C. E.; Ethur, A. B. M.; Lopes, A. A. v.; Záchia, R. A. 2002. **Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS: emprego de preparações caseiras de uso medicinal.** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, sp; v. 5, n. 1,

IBGE. 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Aspectos físicos de Campo Maior.**

Jacobi, P. 2006. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 118.

Oliveira, F.C. *et al.* 2009. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v.23, nº 2.

Pessoa, M.P. 2010. **Etnobotânica de comunidades rurais da Serra de Campo Maior – Piauí, Brasil / Maria Pessoa Silva.** – 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Reis, Juscelino. **Acervo eletrônico de fotografias do Piauí.** Disponível em <http://olhares.uol.com.br/juscelreis/>. Acesso em Janeiro de 2014.

Rocha-Coelho, F. B. 2009. **O uso das plantas no cotidiano da comunidade quilombola Kalunga do Mimoso – Tocantins: um estudo Etnobotânico.** Dissertação (Programa de Mestrado em Ciências do Ambiente) PGCiamb, Universidade Federal do Tocantins.

United nations (UN). 2004. **World population prospects: the 2004 revision. Population Database.** Disponível em <http://esa.un.org/unpp/p2k0data.asp> . Acesso em 20/04/2013.